



**UM DESVIO OTIMISTA RUMO AO FUTURO NAS OBRAS OS DANÇARINOS E
TEMPO VOU TE FAZER UM PEDIDO: DE VOLTA A PEIXES**

**AN OPTIMISTIC DETOUR TOWARDS THE FUTURE IN THE WORKS THE
DANCERS AND TIME, I'M GOING TO MAKE YOU A WISH: BACK TO PISCES**

Matheus da Silva Ribeiro (Cures)ⁱ
UFPB

Maya Oliveiraⁱⁱ
UFPB

Rosilda Maria Sá Gonçalves de Medeirosⁱⁱⁱ
UFPB

RESUMO

Este artigo compartilha e discute os processos criativos, a fundamentação teórico-conceitual e poética envolvidos nas obras *Os Dançarinos*, instalação interativa de Cures e *Tempo vou te fazer um pedido: de volta a peixes*, instalação de Maya Oliveira realizadas em contexto de ateliê coletivo no Laboratório de Cerâmica (LABCE/UFPB), durante a disciplina Tópicos em Cerâmica. Essas obras foram exibidas na exposição coletiva *LaborAÇÕES: onde os desvios e delírios tremem*, no Hotel Globo em João Pessoa e, atuaram como materiais didáticos e mediadores da oficina *Desenhos de cura: rememorando afetos*. Essa ação educativa, desdobrada do projeto expositivo, recorreu à a/r/tografia como metodologia de investigação em arte e educação.

PALAVRAS-CHAVE

Cerâmica. Processo criativo. A/r/tografia. Corpo. Ação educativa.

ABSTRACT

This article shares and discusses the creative processes, theoretical-conceptual foundation, and poetic elements involved in the works 'The Dancers', an interactive installation by Cures, and 'Time I'm going to make you a wish: back to pisces', an installation by Maya Oliveira, carried out in the context of a collective studio at the Ceramic Laboratory (LABCE/UFPB), during the course Topics in Ceramics. These works were exhibited in the collective exhibition 'LaborACTIONS: where deviations and delusions tremble', at Hotel Globo in João Pessoa, and served as didactic materials and mediators for the workshop 'Healing drawings: remembering affections'. This educational action, derived from the exhibition project, used a/r/tography as a research methodology in art and education.

KEYWORDS

Ceramic. Creative process. A/r/tography. Body. Educational action.



Introdução

O artigo destaca os processos de criação da instalação interativa *Os Dançarinos*, de Cures e da instalação *Tempo vou te fazer um pedido: de volta a peixes*, de Maya Oliveira no contexto coletivo do Laboratório de Cerâmica^{iv} (LABCE/UFPB), durante a disciplina Tópicos em Cerâmica, ministrada pela professora Rosilda Sá. Metodologicamente apoiada em Rey (2002) e na *poiética* apresentada por Passeron (2012) – a pesquisa em artes visuais que investiga a obra em processo, no momento da sua instauração.

De modo poético foram evidenciadas as genesis das duas obras, bem como seus detalhamentos formais, materiais, conceituais e teóricos. Elas participaram da mostra *LaborAÇÕES: onde os desvios e delírios tremem*^v, no Hotel Globo em João Pessoa e, foram usadas como referências didáticas na oficina *Desenhos de Cura: rememorando afetos*, ministrada pela dupla. Essa ação educativa foi fundamentada na a/r/tografia (DIAS e IRWIN, 2013).

Para Cures, a ideia de coletividade e de comunidade servem como base essencial na sua jornada pessoal e artística. As figuras dos dançarinos personificam a essência de conexões emocionais, dançando como parte de um ritual de celebração da vida, da diversidade, da união e da riqueza cultural encontrada nas comunidades de afeto.

As investigações poéticas de Maya Oliveira atravessam os campos da escultura cerâmica, pintura e instalação, objetivando explorar conexões históricas, mágicas e imagéticas, intercalando arte rupestre, conhecimentos ancestrais e comunidades marginalizadas, em busca de transmutação e cura no campo da arte contemporânea.

Embora cada um tenha sua pesquisa individual, esses artistas e arte-educadores em formação partilham atividades, referências, ações e reflexões atravessadas por suas identidades diversas. Por conseguinte, abordam temas como: corpo, território, ancestralidade, diásporas raciais e de gênero, natureza humana e interespecífica, autoinvestigação, astrologia e estratégias de sobrevivência para existências dissidentes na vida e, sobretudo nas artes visuais contemporâneas.



Processo coletivo de criação com aporte metodológico no Laboratório de Cerâmica (LABCE/UFPB)

A incorporação do processo de produção em caráter de ateliê coletivo no Laboratório de Cerâmica (LABCE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) acrescentou uma camada significativa ao contexto da criação das obras de Cures e Maya Oliveira. Não como um esforço individual, mas sim um processo em que artistas-discentes compartilharam espaço, ideias e recursos, mediados pelo barro e a cerâmica, sob a orientação da coordenadora e professora Rosilda Sá, durante a disciplina Tópicos em Cerâmica (2023.1), da graduação em Artes Visuais. A criação no ateliê coletivo é um processo de transformação: ideias evoluem, matérias são moldadas e a colaboração gera novas formas de expressão.

A disciplina forneceu aos artistas-discentes uma imersão mais detalhada nos processos e conceitos envolvidos na produção artística *com, em e a partir* da cerâmica. Diante da presença do barro e da cerâmica como elementos terrosos primordiais, registradores da vida na terra desde sempre e para sempre, os artistas se viram entre os tencionamentos da arte contemporânea para expressar opiniões, pensamentos, maneiras de ver e sentir o mundo, bem como, referências e caminhos percorridos. O barro foi (e continua sendo) um dos primeiros materiais didáticos a registrar a história da vida e a história das coisas para quem quisesse (ou quisesse) aprender. O barro e a cerâmica também ensinam e enriquecem a alma – como alimentos dos deuses –, capazes de nos reconectar com a terra, com a materialidade.

Para além dos aspectos básicos e técnicos relativos à cerâmica, essa disciplina postulou e apresentou uma série de fundamentos, teorias, conceitos e metodologia para enriquecer e aprofundar a produção visual dos/as discentes e trazer à tona aquilo que Sandra Rey (2002) descreve como "um sentido além do que vemos" e "uma resposta singular a um estímulo". E de fato, os/as participantes dessa disciplina tiveram abertura e maturidade para fazerem a experiência marcante e singular de criar a arte, consequência das diretrizes, provocações e propostas docente.



Após as aulas teóricas, a primeira atividade para cada artista-discente foi elaborar um projeto artístico prévio, com desenhos, esboços, ideias iniciais. Na sequência, o desenvolvimento dos processos de criação das obras, de onde emanaram os conceitos e referenciais teóricos que cada obra exigia. Sempre discutindo cada projeto artístico nas rodas de conversa, dispondo da “escuta” e da “presença implicada^{vi}” da docente, que nos apresentou os pressupostos elaborados por Rey (2002) no texto *Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais*.

Ancorada na *poiética* trazida por René Passeron (2012), a autora elenca, distribui e organiza as bases da pesquisa em artes, desde os primeiros devaneios, as obras em processo de instauração, até a conclusão.

A superfície e a profundidade, consciência e inconsciência, estabelecem, durante a pesquisa, um processo dialético, efetuando trocas na elaboração de procedimentos, na pesquisa com materiais, na execução de técnicas, na reflexão e na produção textual. (REY, 2002, p.127).

A autora explica que a pesquisa em artes visuais "(...) implica em um trânsito ininterrupto entre prática e teoria" (REY, 2002, p. 125), ou seja, produzir arte é constantemente produzir pesquisa, estudo e reflexão, exigindo dos artistas, um mergulho em mar revolto em busca da bonança. Sabendo desde o início que errar faz parte do processo criativo, bem como, refazer.

Para alguns artistas-discentes, como Cures e Maya Oliveira, a resiliência e a resignação fizeram parte dos seus mergulhos e processos criativos. Eles fundamentaram suas abordagens aprofundadas e embasadas em artistas, pensadores e autores contemporâneos: Ailton Krenak, Uýra Sodoma, Castiel Vitorino, Rosana Paulino, entre outros, apresentando possibilidades para dialogar e transitar entre natureza, ser humano e cultura, corpo e tempo, terra e água, memória e saudade, abraço e confraternização.

O grupo^{vii} participante da disciplina criou o projeto expográfico e curatorial da exposição *LaborAÇÕES: onde os desvios e delírios tremem* e traçou um plano: *desviar, delirar* e seguir otimistas rumo ao futuro.



Cures e Maya: uma relação astrológica e a/r/tográfica

Ligados pelo Sol em Peixes, Cures e Maya Oliveira balisam suas idéias na astrologia^{viii}, entendida como um presente pelos primeiros seres humanos caçadores e coletores. A astrologia é um conhecimento milenar, através dela, por volta do terceiro milênio antes da era comum, os seres humanos se orientavam empiricamente a partir dos ciclos naturais das estações e, aprenderam como desenvolver tecnologias agrícolas, geográficas, medicinais e, irresistivelmente entenderam uma maneira de se conectar com a sublime energia criadora e contentora de tudo o que há (TESTER, 1996; KEPLER COLLEGE, s/d).

Unidos propositalmente desde o ingresso na UFPB, os artistas iniciaram um processo de investigação baseado na a/r/tografia, com a intenção de ressaltar a importância da coletividade e da experimentação nos processos em arte e educação. A a/r/tografia é uma metodologia de pesquisa educacional baseada em arte – “A/R/T é uma metáfora para: Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e graph (grafia: escrita/representação). Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem” (DIAS, 2013, p. 25). Ela é entendida como um caminho-processo, onde o artista-professor-pesquisador consolida suas práticas artísticas ao lado das práticas pedagógicas do ensino de artes (DIAS e IRWIN, 2013).

A a/r/tografia apresenta modos, modelos, técnicas e abordagens próprias, calcadas na experimentação e no hibridismo de conceitos, áreas, temas e formas, mantendo um diálogo proativo e contínuo entre o processo criativo, processo reflexivo e processo educativo da produção em artes. Ela serve como pesquisa-ação, onde o artista-professor-pesquisador atua como arte-educador mediando práticas e descobertas, agindo e intervindo diretamente na realidade palpável da arte e da educação, promovendo diálogos e encontros (DIAS e IRWIN, 2013).

Dessa maneira, os artistas utilizaram preceitos da a/r/tografia ao ministrarem a oficina *Desenhos de cura: rememorando afetos*, no contexto da exposição anteriormente citada e, usaram suas obras como nortes e apontamentos didáticos nessa ação educativa.



A gênese de *Os Dançarinos*

Abro os olhos em um lindo campo aberto, onde flores multicoloridas se estendem até onde a vista alcança. O Sol brilha no céu azul, inundando a paisagem com sua luz dourada, enquanto o aroma do campo flutua no ar, doce e fresco. Não sei onde estou, mas não sinto medo, o lugar é simplesmente belo demais para isso. Meu coração bate serenamente, como nunca antes.

À distância, vejo um grupo dançando em círculo, celebrando a vida e a natureza ao redor. Cada passo é um tributo às flores e à luz do Sol. Suas mãos se entrelaçam, os rostos iluminados por sorrisos contagiantes. As risadas preenchem o ar, e só me resta sorrir.

Tempos depois, sem que eu pudesse precisar quanto, havia milhares deles, de mãos dadas. Os milhares logo se tornaram milhões, e estes, bilhões. De repente, deslizei para dentro de um caleidoscópio onírico, onde realidade e sonho se misturam em cores e sentimentos. Incapaz de distinguir os dançarinos do Sol e da Lua, da semente e da flor, do pássaro e do ninho, tudo se transmutava diante de mim. As figuras meio-flor, meio-gente, assumiam formas nunca vistas, aguardando pacientemente para submergir.

Tudo gira. Tudo dança. Tudo tão transitório, ao passo em que tão definitivo.

Nesta roda, as figuras meio-flor, meio-gente, não se parecem com nada reconhecível, mas se assemelham a tudo que existe, existiu e existirá no universo fluido. Embora se assemelhem a nós, não devem ser confundidas com seres humanos. É impossível não sentir uma conexão, uma noção de que compartilham da essência de cada indivíduo, tornando-se eternos em sua singularidade, sendo o que precisam ser para estarem juntos, às vezes sem estarem no mesmo espaço.

Os dançarinos não são seres humanos, mas têm muito a nos ensinar. Apesar das diferenças superficiais, todos nós compartilhamos uma ligação comum ao tecido do universo conforme aborda o filósofo e físico Fritjof Capra (2006) em *A teia da vida*, pois, todas as formas de vida estão em conexão dentro de um sistema complexo



formado por seis princípios: interdependência, ciclagem, parceria, cooperação, flexibilidade, diversidade. A viabilidade e a sustentabilidade da vida são garantidas por esses princípios.

A dança circular dos corpos que celebram a vida

Nossos corpos são os veículos pelos quais experimentamos o mundo sensorialmente e sensivelmente. Como produtos históricos, culturais e políticos, nossos corpos são linguagem e, assim, receptores de conhecimento.

Cures, pisciano com ascendente em Touro, preto e LGBTQIAP+^{ix}, decidiu explorar a importância do corpo humano, sobretudo o dissidente, na construção e reprodução das estruturas sociais. Dessa maneira, se amparou em teorias desenvolvidas por pensadores pretos e indígenas na análise das noções de comunidade e do afeto na contemporaneidade.

Em diálogo com esse princípio, o artista produziu desenhos de figuras batizadas de “dançarinos”, propositalmente representando seus corpos com gestos que remetem ao movimento e à dança. De modo geral, os dançarinos representam uma síntese poética da diversidade interespecífica e unida, presente em todas as formas de vida. Paul Valéry no diálogo *A alma e a dança* diz: “Um corpo, graças a sua simples força, e por seu ato, é poderoso o bastante para alterar mais profundamente a natureza das coisas do que jamais conseguiu o espírito em suas especulações e sonhos” (1996, p. 63).

Nessa perspectiva de pensar a dança dos corpos, enquanto aproximação artística e formal com o trabalho criado pelo artista, destaca-se os registros em cavernas e paredes de rochas com desenhos e pinturas de corpos em ação, lutando ou dançando em contextos ritualísticos cotidianos nos primeiros agrupamentos pré-históricos.

Outra aproximação histórica é a obra de Heitor dos Prazeres, artista, cantor, compositor carioca e sambista pioneiro, conhecido por retratar cenas cotidianas e festivas da cultura afro-brasileira com sensibilidade e respeito às suas tradições e valores, em contraponto aos corpos em situações subalternas, cenas estas que eram



comumente divulgadas por pintores modernistas brancos. Heitor utilizou cores vibrantes e traços marcantes para enfatizar as interações e conexões entre as pessoas.

A reflexão acerca do corpo, afeto e confraternização no Brasil, a terra marcada por violenta(s) invasão(ões) colonial(is), exige a consideração de saberes decoloniais e de abordagens filosóficas e sociológicas sensíveis à nossa realidade, destacamos Ailton Krenak (2019) na afirmação sobre uma atualidade que:

(...) é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. [...] O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. (KRENAK, 2019, p. 27).

Nesse contexto, nós artistas, posicionando nossos corpos como instrumentos da configuração de normas sociais, ideologias e estruturas de poder, realizamos, além de um ato transgressor, o entendimento que o corpo humano não é apenas uma entidade física isolada, mas uma parte fundamental do contexto social em que vivemos. Somos nós as "(...) pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover" (KRENAK, 2019, p. 27).

Em seus trabalhos, Cures busca representar e formular ambientes férteis para o florescimento dos sonhos, dos desejos e da coletividade ("estrada de fazer o sonho acontecer", conforme canta Milton Nascimento) e, defende o ato transgressor de imaginar uma realidade que transcende a temporalidade imposta e saturada, moldada por meio de violências e apagamentos. Corroborando o que diz Alana Moraes (2018, s/p): "(...) nossa política é cuidarmos uns dos outros, fazendo festa (...)".

Detalhamento da obra e a interação dos espectadores

A obra interativa *Os Dançarinos* (Imagens 1, 2, 3 e 4) consiste em 30 discos de cerâmica (terracota), pintados a frio com cores vibrantes. Divididos em três categorias – dançarinos, formas orgânicas e palavras ativadoras: SIM, NÃO, EU, NÓS, VOCÊ,



TUDO, DANÇAR, SER, VER e ESTAR. Os discos são constantemente rearranjados pelos espectadores, a participação ativa deles é essencial – manipulam livremente os discos, experimentando diferentes arranjos e interpretando o conjunto de acordo com suas próprias perspectivas e experiências, construindo significados únicos a cada interação.



Imagem 1 - *Os Dançarinos*, 2023. Instalação interativa.
Tinta acrílica sobre discos de terracota (7 cm diâmetro cada).
Dimensões variáveis. Foto acervo do projeto.



Imagem 2 - *Os Dançarinos*, 2023. Instalação interativa.
Tinta acrílica sobre discos de terracota (7 cm diâmetro cada).
Dimensões variáveis. Foto acervo do projeto.



Imagem 3 - *Os Dançarinos*, 2023. Instalação interativa.
Tinta acrílica sobre discos de terracota (7 cm diâmetro cada).
Dimensões variáveis. Foto acervo do projeto.



Imagem 4 - *Os Dançarinos*, 2023. Instalação interativa.
Tinta acrílica sobre discos de terracota (7 cm diâmetro cada).
Dimensões variáveis. Foto acervo do projeto.

O trabalho funde cerâmica, pintura e desenho em uma leitura-narrativa poética sobre a importância da coletividade e da dança como linguagem universal capaz de transcender as palavras. Essa dança simbólica desafia a dicotomia entre o emocional e o racional, oferecendo uma visão de como a humanidade pode buscar harmonia em meio à agitação e a violência contemporânea, celebrando vida, diversidade, união e riqueza cultural nas comunidades de afeto.

A gênese e o detalhamento de *Tempo vou te fazer um pedido: de volta a peixes*

Corpo, matéria fundamental da criação. Um salto biótico na história da vida. Destino. Constelação de desejos. Signo. Corpo que já foi poeira. Corpo que já foi planeta. 12 casas astrológicas. Corpo d'água. Energia. Meu corpo é uma trincheira emocional ou uma ponte para o além-mar? Tem dias que eu percebo visivelmente a memória dos



traumas. É uma lembrança espiritual? Travesti. Parda. Mestiça. Minhas existências anteriores certamente foram insurgentes. É um legado que vem da mata, dos elementos da natureza, do trabalho ao universal.

Quais batalhas o meu corpo racializado e atravessado pela política da normatização de gênero enfrenta em todos os tempos? É parte da fuga da colonização cognitiva, fuga das armadilhas da brancura? Eu corro, fujo, tropeço, me desfajo. Meu corpo também é uma ponte para o além-mar, o infinito azul. Ponte para todas as fugas transraciais, um mergulho em cardume. O além-mar não tem gênero. Não tem tempo. É um estado. O além-mar é a consciência material, cósmica, que habita em tudo. É quando a gente sente um frio na barriga que corrói tudo por dentro. É aquele abraço gostoso que preenche tudo. O além-mar é um presente possível, uma rota de fuga, mapas e planejamento.

Marte em Áries na casa 6. Meu corpo é uma trincheira de afetos, de histórias lindas e maravilhosas. Meu corpo é uma morada de laranjeiras, um campo de rosáceas. Azul. Azul mais escuro. Mar. Gosto de água gelada. Nadar é um exercício que exige autoconhecimento, tanto quanto desenhar e escrever, é necessário analisar o espaço, premeditar ações, ensaiar oportunidades de não morrer sufocada e afogada em água ou emoção. Água-emoção. Energia primordial dos signos de água. E eis aqui, Sol em Peixes, ascendente em Escorpião. Água e água. Água mutável, água fixa. Água duplamente profunda, que ama terra e acessa o insondável das rochas, das cavernas. Água-viva vivendo simbiose. Meu corpo é uma ponte para todas as trincheiras que serão derrubadas, como uma profecia. E como toda água, retorna sempre a sua nascente, sem cessar.

Ao representar signos e posicionamentos astrológicos do seu mapa natal, na instalação *Tempo vou te fazer um pedido: de volta a peixes* e em outras obras, Maya Oliveira – profundamente interessada no mistério da vida, no magnetismo do secreto, na poesia, no salto transtemporal – sugere percorrer um caminho de retorno ao mar, um olhar para trás, para um passado longínquo que serve de metáfora e metonímia



que a ancoram em sua retomada aos territórios familiares abruptamente separados por uma adoção e, seu processo de transmutação de gênero.

[...] travesti é o nome que se dá às pessoas que conseguem transmutar; mas essa linguagem diz de alguns, e não de todas as experiências de modificação, porque a palavra é sempre um limite. Um limite que o próprio conteúdo – a vida – dissolve. [...] a Transição Travesti é de um lugar para qual lugar? [...] não me interessa tanto saber o que é Travesti, mas como nós, Travestis, dispensamos (deixar de pensar) o Mundo Moderno para conseguir sermos travestis. E para isso abandono qualquer análise antropológica fetichista e psicológica edipiana, para dizer que não há, *a priori*, um conteúdo ou uma forma essencial ou fundamental para que a Transmutação Travesti aconteça. Cada trava rejeita ou namora o hormônio que a faz ser nada daquilo que a cisgeneridade racista pensa sobre si e sobre nós. (BRASILEIRO, 2020, p. 40).

A obra e o discurso da artista Castiel Vitorino Brasileiro são referências para Maya que sente no próprio corpo o atravessamento da transmutação num mundo em que ela e suas irmãs travestis são minoria. Isso influencia nos temas investigados por ela: trauma, miscigenação, abandono, organização coletiva, união, perdão, estratégias de retorno, pedagogia da sobrevivência, afeto, entrega – alguns destes, visíveis na sua obra em questão.

No detalhamento dessa instalação, vemos a experimentação de linguagens artísticas e materiais: cerâmica, desenho, pintura e fios vermelhos (Imagens 5, 6, 7 e 8), que ocorreu de maneira técnica e intuitiva. Cinco peças cerâmicas sinuosas, aproximam-se formalmente de conchas e outros seres da fauna e da flora marinha. Na superfície desses corpos, códigos desenhados para serem lidos, em conjunto. As peças foram posicionadas em círculo (e uma centralizada no meio), conectadas por fios vermelhos com as quatro telas sobre a parede. Nesse universo vermelho, a simbolização da ligação matri-umbilical com a vida, com suas duas mães, com os peixes e o mar.

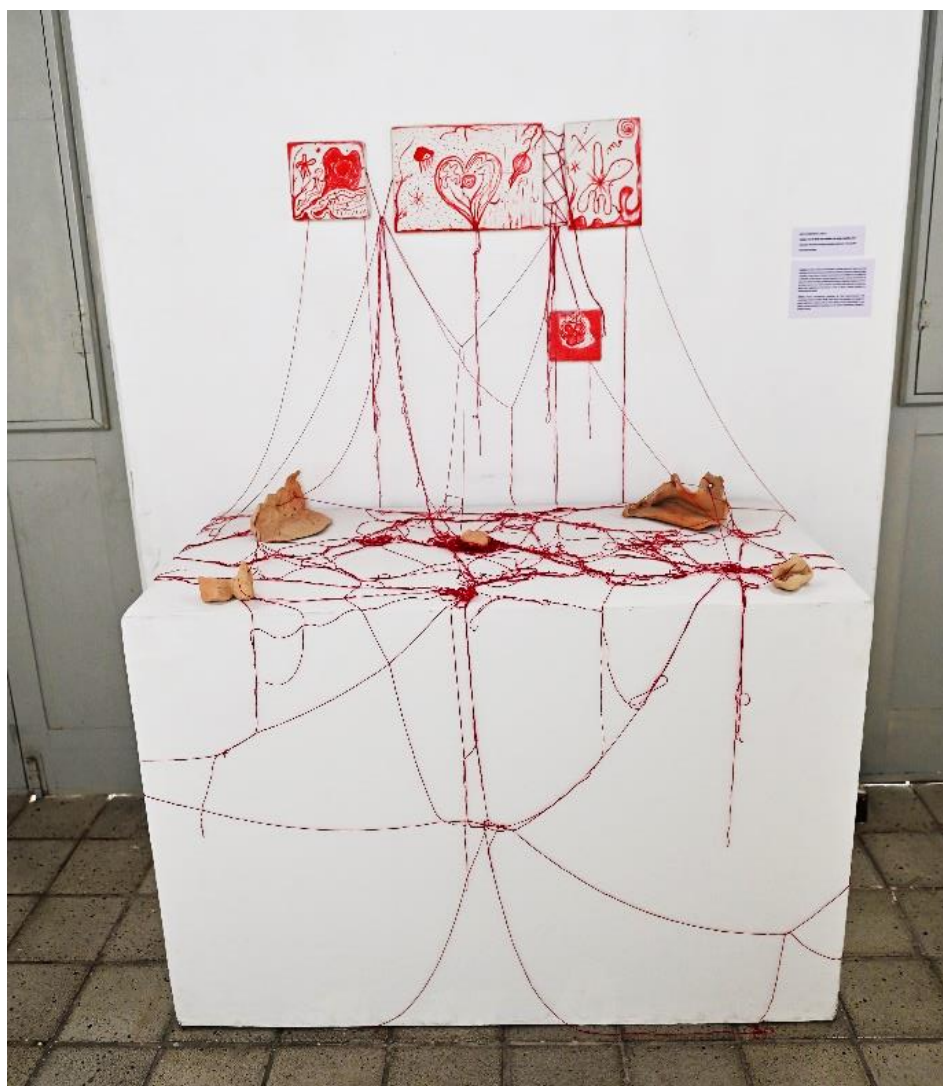


Imagem 5 – *Tempo vou te fazer um pedido: de volta a peixes*, 2023
Instalação. Terracota, nanquim vermelho sobre tela e fio vermelho.
Dimensões Variáveis. Foto acervo do projeto.



Imagem 6 – *Tempo vou te fazer um pedido: de volta a peixes*, 2023
Instalação. Terracota, nanquim vermelho sobre tela e fio vermelho.
Dimensões Variáveis. Foto acervo do projeto.



Imagem 7 – *Tempo vou te fazer um pedido: de volta a peixes*, 2023
Instalação. Terracota, nanquim vermelho sobre tela e fio vermelho.
Dimensões Variáveis. Foto acervo do projeto.



Imagem 8 – *Tempo vou te fazer um pedido: de volta a peixes*, 2023
Instalação. Terracota, nanquim vermelho sobre tela e fio vermelho.
Dimensões Variáveis. Foto acervo do projeto.

O útero e o coração estão ligados por veias e cordões umbilicais engolindo o módulo expositivo. A maternidade e a adoção como processos pessoais ganham dimensão visual sutilmente encarnadas, “como uma armadilha para pegar armadilhas”, citando Esbel (2009). O espectador é convidado a chegar mais perto, para encontrar nas linhas e nos fios, criaturas, conhecimentos, técnicas, segredos de fuga e retorno, coordenadas para reinventar o que for necessário. Mas, especialmente, para perceber que o barro e a cerâmica escondem coisas, que na verdade estão sempre expostas, precisamos abrir a alma para ver. Tempo e barro modelaram a existência, tempo e barro um dia serão tudo de novo...

Oficina – *Desenhos de cura: rememorando afetos*

Conforme mencionado anteriormente, essa ação educativa foi um desdobramento da exposição *LaborAÇÕES: onde os desvios e delírios tremem*. Ocorreu no dia 06 de janeiro de 2024, no pátio do Hotel Globo, em João Pessoa. Mas, a proposição é



oriunda de uma pesquisa compartilhada entre a dupla, enquanto saída possível para pensar a “cura” como cuidado, transformação, transmutação e autoconhecimento nas artes visuais contemporâneas, através do desenho e outras linguagens e, considerando os marcadores sociais a serem discutidos em cada nova ação educativa.

Essa oficina foi dividida em segmentos, a fim de atender aos objetivos: a) realizar uma mediação cultural de toda a exposição, detalhando para os espectadores (alunos) o processo de pesquisa, produção e montagem, b) Fazer dialogar o desenho com o barro e a cerâmica, presentes nas obras expostas e, c) produzir histórias, questionamentos, ativar sentidos e percepções através do contexto e das obras, particularizando as obras dos proponentes.

A *a/r/tografia* foi a âncora metodológica da proposta educativa. Ela é uma maneira de vivenciar a arte na educação e a educação na arte, onde a personalidade e pessoalidade de cada artista e arte-educador pode se tornar objeto de estudo e investigação. Sistematizada em etapas/processos interdependentes com funções e objetivos específicos, a *a/r/tografia*, segundo Rita Irwin (2013), apresenta seis conceitos de reflexão: pesquisa viva, contiguidade, aberturas, metáfora/metonímia, reverberações e excesso.

Considerando esses pressupostos metodológicos, Cures e Maya ressaltaram para os participantes da oficina, os aspectos de suas pesquisas individuais (e seus tangecimentos), refletindo suas identidades tensionadas e atravessadas pelos marcadores sociais de raça e gênero. Com isso, particularizaram os princípios de “pesquisa viva” que “(...) é uma maneira de ser e tornar-se no mundo (...)” e de “contiguidade” que “é a relação entre e ao largo de identidades, arte e grafia, teoria e prática (...)” (IRWIN, 2013, p. 33).

Dessa maneira, o que fez parte da criação em arte, fez parte do diálogo recíproco e das trocas de informações na ação educativa. Suas obras atuaram como material didático e mediadores



Aquele abraço gostoso que preenche tudo... para não finalizar...

Em sintonia com o tema "VIDAS" do 33º Encontro Nacional da ANPAP, este artigo se apresenta como um manifesto das múltiplas vidas, aspectos e papéis que coexistem nos corpos de Cures e Maya Oliveira, corpos de artistas, corpos dissidentes, corpos que se abraçam em comunidade.

Ao trazerem luz às suas identidades marcadas pelos cruzamentos de raça, mestiçagem, gênero e sexualidade, bem como suas identidades de artistas-pesquisadores e arte-educadores, foi possível delinear um percurso atravessado por conhecimentos transdisciplinares, para falar sobre os problemas e dilemas atuais da sociedade.

O tema "VIDAS" proporciona demonstrar intencionalmente as reflexões de jovens artistas, racializados e participantes da comunidade LGBTQIAPN+ que se utilizam da arte como ferramenta para darem continuidade a suas vidas. Ao negociarem suas obras de arte como discursos narrativos para educar e conscientizar sobre os traumas (raciais, violências com pessoas trans, abandono), eles criaram e criam espaços libertários para reconfigurar a vida.

A mensagem central deste manifesto é a celebração da diversidade e da resiliência dos corpos e identidades que compõem a comunidade artística. Destaca-se a importância de reconhecer e valorizar as diversas formas de vida e de expressão, especialmente aquelas marginalizadas ou invisibilizadas pela sociedade. A arte, a educação e a pesquisa existem em diálogo constante com as vidas que as circundam e são apresentadas como ferramentas poderosas para promover a conscientização e a transformação social, permitindo que indivíduos e comunidades reivindiquem suas narrativas e seus espaços.

Para não finalizar, nós (autor/as) deste artigo, seguiremos festejando a vida, com nossos corpos dançantes, abraçados em comunidade, desviando das violências, delirando nos alicerces da arte, otimistas, vivo/as, rumo ao futuro...



Referências

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Ancestralidade sodomita, espiritualidade travesti. **PISEAMA**, Belo Horizonte, n. 14, p. 40-47, jul. 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/ancestralidade-sodomita-espiritualidade-travesti/>. Acesso em: 20 abril 2024.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

DIAS, Belidson. *A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução*. In: ____; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, p. 21-26.

ESBELL, Jaider. **A arte indígena contemporânea como armadilha para armadilhas**. 9 julho 2020. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2020/07/09/a-arte-indigena-contemporanea-como-armadilha-para-armadilhas/>. Acesso em: 20 março 2024.

HEITOR dos Prazeres. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10428/heitor-dos-prazeres>. Acesso em: 12 outubro 2023. Verbete da Enciclopédia.

IRWIN, Rita L. *A/r/tografia*. In: DIAS, Belidson; ____ (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, p. 27-35.

KEPLER COLLEGE. **Astrology**: an introduction. Spokane, WA. s/d. Disponível em: <https://bit.ly/2OPXFFd>. Acesso em: 04 março 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

MORAES, Alana. Estamos condenados a sobreviver. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, seção Extra! [conteúdo exclusivo online], s/p, 01 nov. 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/extra/estamos-condenados-a-sobreviver/>. Acesso em 13 outubro 2023.

PASSERON, René. Da estética à poética. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais** [S. l.], v. 8, n. 15, 2012, p. 103-116. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27744>. Acesso em: 25 fev. 2024.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes visuais. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade: 4), p. 125-140.

SERGIPE. Tribunal de Justiça de Sergipe. **Respeitando todas as formass de existir: Manual de Comunicação LGBTQIAPN+**, do Comitê da Equidade de Gênero e Raça do Tribunal de Justiça de Sergipe / Poder Judiciário do Estado de Sergipe, presidenta Desa. Ana Lúcia Freire de Almeida dos Anjos. Sergipe: Poder Judiciário do Estado de Sergipe, 2021. Disponível em: https://www.tjse.jus.br/portaldoservidor/arquivos/documentos/espaco-do-servidor/manuais/manual_comunicacao_lgbtqiapn.pdf. Acesso em: 23 março 2024.



TESTER, Jim. **A history of western astrology**. 1 ed. UK: Boydell Press, 1996.

VALÉRY, Paul. A alma e a dança. In: _____. **A alma e a dança e outros diálogos**. Apresentação e tradução Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Notas

ⁱ Graduando em Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: matheus.silva.ribeiro@academico.ufpb.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8195599001415379>. João Pessoa, Brasil.

ⁱⁱ Graduanda em Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: maya282x@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9072225073462009>. João Pessoa, Brasil.

ⁱⁱⁱ Doutora em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestre em Artes Visuais (processos criativos) da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA). E-mail: rosildasa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5693-4046>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2405856285427736>. João Pessoa, Brasil.

^{iv} Vinculado ao Departamento de Artes Visuais (DAV), do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA/UFPB).

^v A exposição ocorreu de 15 de dezembro de 2023 a 15 de janeiro de 2024, apresentou a cerâmica no contexto da arte contemporânea, a partir de esculturas, instalações, performance, videoinstalação, bordado livre, desenho, pintura e gravura, entre elas, três obras interativas. A mostra foi a conclusão da disciplina Tópicos em Cerâmica, contou com a mediação feita pelos próprios artistas, bem como, duas oficinas – *Desenhos de cura: rememorando afetos*, ministrada por Cures e Maya Oliveira e, *Moldando a argila, moldando delírios*, conduzida por Ismael Freitas. Considerada uma exitosa exposição com público contabilizado em mais de 3.500 assinaturas.

^{vi} Conferir sobre a “escuta” e a “presença implicada” no contexto da pesquisa com enfoque na psicanálise winnicottiana e na arte, tendo a oficina de cerâmica como locus, em: SÁ, Rosilda. **Adolescentes Mães em Instituição**: o fazer cerâmico e a criação de si. Curitiba: CRV, 2021.

^{vii} Composto por Caroline Del Rio Degenari, Cures, Diego Rezende, Giulia Assis, Ismael Freitas, Kamyla, Kryсна Marques, Lethicia Andrade, Letícia Lima Farias, Louise Barbosa, Lucas Rodrigues, Lucckraz, Maya Oliveira, Renato Sancharro, Rosilda Sá, Thierry de Lima, Thuania Carvalho e Yasmin Formiga. As obras e cada detalhe do projeto pode ser visualizado na página da exposição no Instagram: @exposicaolaboracoes.

^{viii} Prática milenar de observar o céu, as estrelas e demais astros. De acordo com Tester (1996, p. 11) a astrologia serve ao propósito de “(...) interpretação e prognóstico de eventos na Terra e das disposições e caracteres humanos a partir do mapeamento dos movimentos e posições relativas dos corpos celestes, das estrelas e planetas, incluindo neste o Sol e a Lua”. Dessa maneira, o que se chama de astrologia é o estudo relacionado a mapas, cálculos e interpretações subjetivas, acerca da movimentação dos astros, da energia dos doze signos do zodíaco e das doze casas relacionadas a eles. A eclíptica – caminho feito pelo Sol em relação à Terra no período de um ano – foi dividida em 12 regiões de 30 graus relativas às estações do ano. A cada uma dessas divisões, conhecidas como signos, foi dado o nome de uma constelação coincidente em posição (Kepler College, s/d). A esse conjunto de 12 signos – Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes – dá-se o nome de zodíaco. Por se tratar de um conhecimento oriundo de povos nativos de diversas regiões do mundo, com seus primeiros registros na Mesopotâmia, segundo Tester (1996), a astrologia trava embates com a lógica ocidental de produção e análise de conhecimento, sendo muitas vezes ignorada ou ridicularizada. Toda via, constata-se facilmente que ela tem seguidores fiéis no mundo inteiro, pois oferece um conjunto amplo de tecnologias milenares que podem auxiliar à vida humana.

^{ix} Esta sigla inclui pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero/Travesti, Queer, Intersexo, Agênero, Panssexual, Não-binária e, + (mais) é utilizado para incluir outros grupos que as siglas não abrangem (SERGIPE, 2021). Ao unir todas essas identidades dentro de uma mesma comunidade, o objetivo é propor uma organização política capaz de frear o preconceito, a desinformação e os estigmas sociais ainda presentes.